

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal de Minas*

Class.: *40*

Data: *10 de setembro de 1981*

Pg.: _____

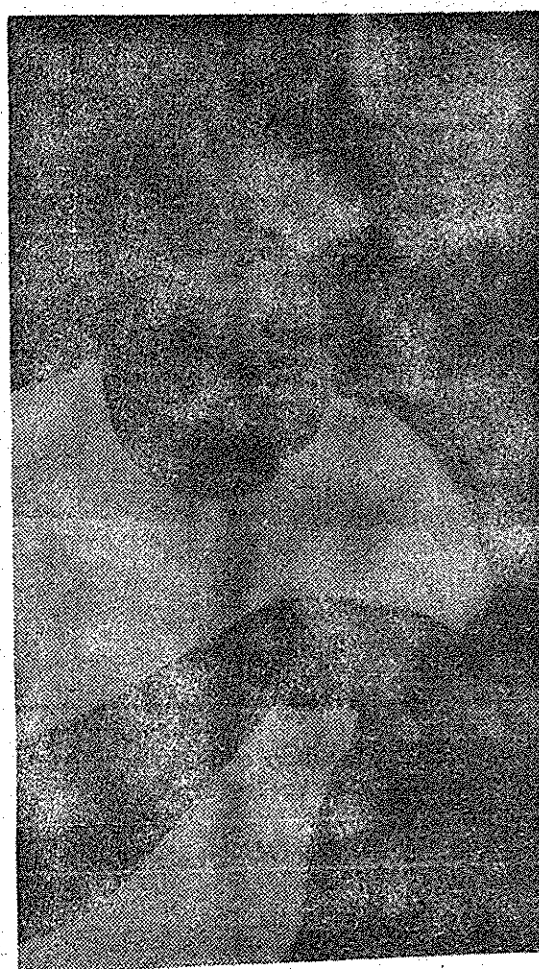
Um índio à espera de que o mato volte à sua vida

Apesar de toda a frieza de uma cidade grande, de milhões de habitantes, encaixotados nos cubos arquitetônicos dos prédios de concreto e vidro ou nos mesmos cubos menos bonitos que são os barracos das favelas, ainda existem pessoas que guardam dentro de si o gosto pelo campo, pelo cheiro de mato, em harmonia com o silêncio natural. Mesmo que pareça inconcebível, existe um homem, mais precisamente um índio, aqui em Belo Horizonte, que está a procura de uma licença especial: um documento que lhe assegure a liberdade de ir e vir, que tire as cercas dos lugares por onde queira passar, pelo simples prazer de conviver com a natureza.

Essa pessoa, Antônio Pedro da Silva, de 37 anos, casado, filho de uma índia guarani e de um vaqueiro cearense, ainda mantém a lucidez filosófica dos naturalistas e sabe que precisa estar perto da fumaça dos ônibus, da violência urbana, para garantir às filhas, em número de três, o futuro que não teve: quer que elas estudem. Por isso, só quer ter o direito de ir buscar sua paz, muito necessária, no campo, caçando tatus, codornas, perdizes, voltando depois ao seu cubo citadino, sem saudade do campo onde nasceu e foi criado.

O índio mora em uma vilazinha, na rua 24, s/nº, Vila Boa Vista, Parque São João, Eldorado. Trabalhava como tratorista, mas acabou virando servente, depois que perdeu o emprego, para garantir o seu mínimo.

Sua história: nasceu em uma tribo de índios guaranis, em cima da Serra do Araripe, no Ceará. Lá viveu cerca de 25 anos, aprendendo a leis da natureza e da humanidade. Aprendeu a caçar, a chamar pássaros pelo pio, fazer armadilhas, brigar com boi. Virou homem, conheceu uma mulher branca e se casou, em 1971. Teve cinco filhas, duas morreram e três sobreviveram, a mais velha com cinco anos.



O índio Antônio Pedro, o gosto pelo mato

Trabalhava em fazendas, no campo, como vaqueiro. É pessoa que se considera amiga de todos e querido também, que se orgulha de ser

bom caçador e que se posiciona a favor das crianças, do direito e da pureza. "Sou contra o erro". O que é o erro? "Erro é o desrespeito, o vício, a briga. Não podemos brigar, somos, antes de tudo, irmãos e violência não tem futuro". A escola da vida ensinou a este homem muito mais que ser bom caçador. Ensinou-lhe a ser um homem bom.

Acompanhado de um vizinho, um rapaz de 18 anos, José Antônio Rodrigues, Antônio vem, há quinze dias, tentando achar alguém que lhe dê esse documento, mesmo sabendo que, em certos lugares, é proibido caçar. Ontem, andando desde o início do dia, os dois bateram na porta da Central de Operações da Polícia Militar, onde não conseguiram nada mais que o endereço do Instituto Estadual de Florestas, para procurarem o dr. Luiz Lobo. Sua satisfação foi tanta como se tivesse realmente conseguido o tão almejado documento, que lhe dê sua liberdade.

Mas ele quer ser livre para poder voltar. Sua família não pode morar na tribo onde viveu. Suas filhas têm de estudar e sua mulher não é índia. Antônio parece conhecer suas limitações e só tem um desejo: não esquecer o mato, não sentir saudade quando sentar em qualquer lugar dessa cidade e avistar as montanhas ainda verdes.

É bom saber que ainda existem pessoas preocupadas mais em ser do que em ter e que cultivem dois prazeres muito naturais: caçar no mato e brigar com gado. Antônio se conhece muito e sabe qual herança irá deixar, quando morrer: os filhos estudados e nenhum inimigo. Só esse sentimento, às vezes descabido, de humanidade.

TEXTO: GUILHERME PENA
FOTOS: JOSÉ ALENCAR